


EXPERIÊNCIAS HETEROBIOGRÁFICAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS


HETEROBIOGRAPHIC EXPERIENCES IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

EXPERIENCIAS HETEROBIOGRÁFICAS EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS


Francisco Ari de Andrade*

 <https://orcid.org/0000-0002-3028-9867>

Erinelda da Costa Paixão**

 <https://orcid.org/0000-0002-7588-2840>

Cristiane da Silva Ximenes***

 <https://orcid.org/0000-0002-0632-4562>

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: ANDRADE, F. A.; PAIXÃO, E. C.; XIMENES, C. S. Experiências heterobiográficas na educação de jovens e adultos. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 22, p. 1-13, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.4570>

Resumo: O presente trabalho apresenta heterobiografia de alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, no atual contexto da educação brasileira. Heterobiografia é a ação formativa na promoção da ressignificação das experiências de vida dos sujeitos escolares, na medida em que se percebem no mundo na relação com o outro, tomando consciência de seu papel histórico. O corpus desta pesquisa foi desenvolvido em duas etapas. Na primeira etapa, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a discussão epistemológica da EJA. Na segunda, foi realizada uma atividade junto aos alunos em sala de aula da EJA, na qual cada um foi capaz de narrar o sentido da sua existência como sujeito social. Por amostragem, ao grupo de treze alunos, com idade média em torno de 35 anos, foi apresentado alguns contos biográficos. Em seguida, eles foram orientados a escrever suas histórias de vida. A partir dessa dinâmica em sala de aula, as narrativas geradas revelaram que a heterobiografia se constitui num elemento de construção de sentido, na qual os estudantes se percebem como sujeitos ao apreenderem as significações de suas experiências de vida.

Palavras-chave: Educação. Narrativa. Heterobiografia. Sujeito. Experiência de vida.

Abstract: The present work presents heterobiography of students of the Education of Young and Adults - EJA, in the current context of Brazilian education. Heterobiography is the formative action in the promotion of the re-signification of the life experiences of the school subjects, as they perceive themselves in the world in relation to the other, becoming aware of their historical role. The corpus of this research was developed in two

stages. In the first stage, a bibliographic survey was made on the epistemological discussion of the EJA. In the second, an activity was carried out with the students in the EJA classroom, in which each one was able to narrate the meaning of their existence as a social subject. By sampling, a group of thirteen students, with an average age around 35 years old, presented some biographical tales. Then they were told to write their life stories. From this dynamic in the classroom, the generated narratives revealed that heterobiography constitutes an element of meaning construction, in which students perceive themselves as subjects when they grasp the meanings of their life experiences.

Keywords: Education; Narrative; Heterobiography, Subject; Life experience

Resumen: El presente trabajo presenta heterobiografía de alumnos de la Educación de Jóvenes y Adultos - EJA, en el actual contexto de la educación brasileña. La heterobiografía es la acción formativa en la promoción de la ressignificación de las experiencias de vida de los sujetos escolares, en la medida en que se perciben en el mundo en la relación con el otro, tomando conciencia de su papel histórico. El corpus de esta investigación fue desarrollado en dos etapas. En la primera etapa, se hizo un levantamiento bibliográfico sobre la discusión epistemológica de la EJA. En la segunda, se realizó una actividad junto a los alumnos en el aula de la EJA, en la que cada uno fue capaz de narrar el sentido de su existencia como sujeto social. Por muestreo, al grupo de trece alumnos, con edad media en torno a 35 años, se presentaron algunos cuentos biográficos. A continuación, fueron orientados a escribir sus historias de vida. A partir

de esta dinâmica en el aula, las narraciones generadas revelaron que la heterobiografía se constituye en un elemento de construcción de sentido, en la cual los estudiantes se perciben como sujetos al aprehender las significaciones de sus experiencias de vida.

Palabras clave: Introdução Educação. Narrativa. Heterobiografía. Sujeto. Experiencia de vida

Introdução

Este artigo apresenta heterobiografia de alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA, no atual contexto da educação brasileira. Por meio de narrativas de vida, os alunos de uma sala da Educação de Jovens e Adultos - EJA, foram capazes de narrar suas experiências de vida, resignificando o sentido da sua existência como sujeito histórico.

Este estudo nasceu de uma experiência empreendida numa sala de EJA, no município de Fortaleza. O desenvolvimento da atividade pedagógica se deu por meio da realização de um minicurso, intitulado “*Estética, literatura e outros saberes*”. O referido minicurso foi divulgado na sala de aula para todos os alunos da sala do EJA como uma proposta pedagógica extracurricular, de frequência voluntária. De tal modo oferecido, tivemos a adesão de 13 estudantes matriculados, com idades em torno de 35 a 40 anos. Os demais que não aderiram ao minicurso alegaram razões de disponibilidade de tempo devido o trabalho e outras de natureza familiar. O grupo de alunos participante do minicurso foi composto por homens e mulheres que exercem, no dia a dia, diferentes lidas formal e informal na cidade.

O minicurso, intitulado “*Estética, literatura e outros saberes*”, foi realizado para atender à necessidade dos alunos da EJA de vivenciarem propostas pedagógicas que gerassem sentido, como potencialidade elencou-se a *heterobiografía* enquanto ferramenta formativa na promoção da resignificação das experiências de vida. Essa iniciativa surgiu no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado, do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará-UFC.

O referido minicurso consistiu numa programação didático-pedagógica que unia teoria à prática, pois ao colocar os alunos em contato com o saber formal permitia que eles se colocassem como protagonistas de suas histórias de vida, articulando o sentido do que estava sendo proposto pela escola com suas experiências de vida. A estratégia de ação da atividade pedagógica foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira etapa foi proposta ao grupo uma série de vivências literárias, por meio da contação de histórias. As histórias ficcionais privilegiaram um universo estético e literário de contos biográficos: “*Vasto mundo*” da escritora Maria Valéria Rezende, “*A moça tecelã*” de Marina Colasanti e “*O preso*” do escritor cearense Moreira

* Doutor em Educação – PPGE-UFC. Professor Associado II – Faculdade de Educação – Universidade Federal do Ceará. E-mail: andrade.ari@hotmail.com

** Graduada em Pedagogia – UFC. Mestranda em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-graduação em Educação - Universidade Federal do Ceará. E-mail: erineuda_paixao@hotmail.com

*** Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas - Universidade Estadual do Ceará. Cursa Pedagogia na Faculdade de Educação - Universidade Federal do Ceará. E-mail: cristiane_ximenes@hotmail.com

Campos. Nesta etapa buscou-se estimular o senso emocional, perceptivo e criativo dos estudantes na medida em que eles se deixavam envolver pelas narrativas, no âmbito da sala de aula como um espaço semiótico (CONTI, 2012). Na segunda etapa, a partir das apreensões das histórias contadas, cada um foi montando a sua própria história de acordo com seu universo cognitivo. Nesse processo de construção, os estudantes se deparavam com sua capacidade criativa e iam percebendo os sentidos das suas experiências de vida. Em suma, as vivências literárias¹ propostas durante o minicurso, obedeceram ao seguinte formato: 1) momento da escuta da narração oral de contos biográficos, no total de três contos; e 2) momento da escrita de pequenos textos biográficos por parte dos alunos.

Assim sendo, esse texto procura ressaltar a relevância da proposta formativa a partir da heterobiografia, como um caminho de possibilidade para se pensar o horizonte das práticas educativas que buscam desenvolver nos sujeitos escolares o exercício de flexibilidade sobre sua própria história de vida, visando sua emancipação política.

A heterobiografia: construindo-se a partir da narrativa biográfica do outro

Na busca de compreender a construção das histórias de vida dos indivíduos nos processos educativos de formação profissional e de socialização do conhecimento, Delory-Momberger (2008) propõe um modelo de escrita de si, segundo a qual o sujeito (re)constrói a sua história de vida a partir da apreensão da leitura de mundo ou da escuta da narrativa de outro. Esse modelo de escrita de si, confrontada com a narrativa de outrem, é o que leva a autora a denominar de *heterobiografia*, situando-a no campo das narrativas biográficas.

O que tal formulação teórica busca demonstrar é como essa atividade possibilita a criação de vínculos que unem partículas de signos comuns, experiências comuns, estabelecendo assim uma relação de flexibilidade sobre a própria história de vida do sujeito receptor. A essa capacidade da narrativa suscitar detalhes particulares a partir de sua estrutura mais abrangente, leva Bruner (2006) a designá-la de *particularidade genérica* da narrativa, sobretudo porque constitui um dos elementos universais desse modelo discursivo.

Numa tentativa de se compreender a importância da *heterobiografia* na construção de sentido, faz-se necessário focalizar, primeiramente, a narrativa, sobretudo, a biográfica, e sua relação na formação dos sujeitos históricos. De acordo com tal perspectiva, a narrativa biográfica é o viés pelo qual o sujeito dá forma às suas experiências de

1 O detalhamento aprofundado dessas vivências será feito posteriormente, no tópico do relato de experiência do minicurso.

vida. Isso implica dizer que o sujeito só tem acesso ao vivido pela mediação das narrativas, pelas figurações, palavras e imagens que ele articula para representar determinados fatos biográficos², e, assim, ressignificá-los.

O espaço-tempo da representação biográfica toma do discurso narrativo seus princípios de organização e de coesão: sucessão e causalidade narrativa, sintaxe das ações e das funções, dinâmica transformadora entre sequências de abertura e de fechamento, orientação e objetivo. Em seus diversos níveis de operacionalidade, a narrativa apresenta-se como a linguagem do fato biográfico primordial, como o discurso no qual escrevemos nossa vida, [...]. É a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 37).

De acordo com Delory-Momberger (2008), a narração é, não apenas um instrumento de formação, mas “o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida” (p. 56). Essa dimensão formativa da narrativa biográfica é evocada também pelo pensador Peter Alheit (2006), quando afirma que:

A formação não é redutível às suas únicas formas organizadas e institucionalizadas. Ela engloba todo o complexo de experiências vividas cotidianamente, de episódios de transição e de crise. Na dimensão vivida, a aprendizagem está, assim, sempre ligada ao contexto de uma biografia concreta. Por outro lado, é também a condição ou o instrumento de mediação no qual as construções biográficas, como formas reflexivas da experiência, podem se desenvolver e se transformar. Sem biografia, não há aprendizagem; sem aprendizagem, não há biografia: (ALHEIT, 2006, p. 190).

É nesse sentido que, ao recorrer ao princípio da biograficidade das experiências sociais, Alheit (2006) infere que, pela narrativa, o sujeito organiza reflexivamente suas experiências, dando uma coerência pessoal e uma identidade a elas, atribuindo um sentido à sua história de vida. Da mesma forma que a narrativa permite uma elaboração das memórias de si, “possibilita ao sujeito realizar uma reformulação subjetiva [...] das diferentes configurações das imagens de si a partir das quais ele se reconhece, delimitando o que faz parte da sua história e aquilo que é a história dos outros” (CONTI, 2012, p. 148).

Desse modo, após tais explicitações acerca da narrativa biográfica, é possível adentrar na questão da

² Quando menciona “fato biográfico”, a autora refere-se à representação mental acerca do curso de sua vida, e que ao entrar em contato com a linguagem narrativa é possível expressar-se por meio de metáforas, figurações, ganhando um novo sentido e significado.

heterobiografia, especificamente, a fim de compreender como se constituiu a experiência do minicurso com os alunos da EJA.

Ao trazer à tona a escuta dos sujeitos, em outras palavras, ao enfatizar a recepção desses contos biográficos, torna-se pertinente discutir sobre o que Delory-Momberger (2008) chama de *horizonte de expectativas*, que, por conseguinte, é condicionado pela *bioteca* e *biografemas* de cada indivíduo, três conceitos que significam, respectivamente, os interesses do receptor, o conjunto das experiências e dos saberes biográficos, e a capacidade de constituir em objetos significativos os elementos do material biográfico.

De fato, é no âmago do entrelaçar desses conceitos que é possível compreender de que modo a *heterobiografia* se constitui numa ferramenta de construção de sentido, pois cada sujeito recebe o discurso do outro de acordo com o seu interesse e com a abertura que se dá a essa experiência. Vale ressaltar que essa experiência apenas se torna significativa se conseguir dialogar com o acervo de memórias e experiências vividas pelo sujeito, já que

Na narrativa do outro, eu *me aproprio* dos signos, isto é, *torno próprio, faço meus signos* que se ajustam e que *ajusto* à minha construção biográfica. É a partir desses indícios que *procedo* ao estabelecimento das estruturas de significação da narrativa e que *(re)construo* a configuração de conjunto. O objeto que *construo* está estreitamente ligado ao sistema de interpretação constituído por minha *bioteca* pessoal e pela rede de *biografemas* que se encontram à minha disposição. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 61. Itálicos nossos).

Quando a referida autora menciona que pela *heterobiografia* o receptor se apropria, ajusta, constrói e (re) constrói a sua história, põe em evidência uma característica fundamental desse tipo de recepção: a atividade constante do processo de construção de sentido no ato de escuta. Isso significa dizer que tal recepção não é passiva, ao contrário, o indivíduo, enquanto ouvinte, também é ator, protagonista do processo.

Nesse ponto é válido articular a essa discussão uma terminologia de Rancière (2010, p. 22), o *espectador emancipado*, mediante a qual o espectador também age, observa, seleciona, compara, interpreta, constrói, “compõe o seu próprio poema com os elementos do poema que tem à sua frente”. É nesse aspecto que essa experiência da escuta de uma narrativa biográfica do outro se torna também uma experiência de escrita de si, uma experiência particular,

subjetiva, imaginativa de construção do eu no instante da narração (MACHADO, 2015).

Por isso, e a fim de compreender a contribuição dessa iniciativa no contexto da EJA, é que apresentaremos na sequência uma discussão sobre a importância da narrativa biográfica para os sujeitos educandos dessa modalidade de ensino, buscando compreender, sobretudo, de que modo essa proposta pedagógica promove sentido no processo de formação desses sujeitos.

A narrativa biográfica no contexto da EJA

Ao se reportar ao educador brasileiro Paulo Freire (2005), os homens se fazem mediante a palavra e não pelo silêncio. Nesse sentido, a palavra não é um privilégio de alguns homens, mas um direito de todos. Partindo dessa assertiva, a narrativa, enquanto fala, é tomada como um elemento constituinte da construção da identidade humana, cuja o acesso à escola não deve ser subestimado, e nem os processos formativos renegados a interesses particulares.

Entres esses sujeitos históricos destacam-se aqueles que buscam a educação como um fator minimizador das desigualdades sociais, aqueles que tiveram negado o seu direito à educação. Homens e mulheres que carregam consigo

diferentes trajetórias, que trazem em sua biografia a história daqueles e daquelas que não corresponderam às expectativas da sociedade no que se refere ao aprendizado da leitura e da escrita e ao bom desempenho escolar. Marcados pela desigualdade [...] carregam um estigma e são discriminados em diferentes espaços sociais e em diferentes circunstâncias. (ARAÚJO; JARDILINO, 2014, p. 170).

Estes sujeitos buscam forçosamente recuperar o tempo perdido, conciliando estudo e trabalho, ocupando, no período noturno, os bancos escolares de salas de aula da EJA em todo o país. São sujeitos que “tiveram de romper barreiras erguidas pela família, pelo preconceito e pela exclusão, [...] em razão de um grande desejo de aprender” (Ibidem, p. 164).

Dessa forma e compreendendo o contexto nos quais estes sujeitos estão inseridos, faz-se necessário construir propostas e projetos pedagógicos que visem proporcionar o resgate de suas experiências de vida, elencando como matriz as atividades que durante o período da aula oportunizaram aos sujeitos que expressassem seus anseios, medos, relacionados ao seu processo de formação e à sua

historicidade vivida. Tal caminho Alheit (2006) conceitua como sendo “aprendizagem biográfica”, e que permeia de significado a ação educativa.

Sob esse prisma, a narrativa biográfica no contexto da EJA possibilita que o educando reflita sobre sua vida, pois ao mesmo tempo em que elabora e reelabora por meio de múltiplas formas, narrativas, e modelos discursivos organizados, ele também realiza “uma reformulação subjetiva da experiência e das diferentes configurações das imagens de si a partir das quais ele se reconhece, delimitando o que faz parte da sua história e aquilo que é a história dos outros.” (CONTI, 2012, p. 148).

Valorizar a narrativa desses sujeitos é antes de tudo, valorizar sua história, suas trajetórias e experiências de vida. Nesse contexto, é de suma importância que o professor promova atividades formativas que oportunize ao educando o reconhecimento de sua identidade, fazendo-o refletir sobre si como um sujeito autor, criador e escritor de sua própria história. Além dos impactos positivos dessa perspectiva pedagógica para a aprendizagem que valida os saberes e trajetórias biográficas desses sujeitos, há ainda repercussões no campo político e histórico, pois como destaca Joutard (2000) há uma força ao dar voz àqueles que, normalmente, não as tem. E dar voz é tornar esses sujeitos protagonistas, capazes de narrar suas histórias, relatar as experiências vividas, argumentar pontos de vistas, expor os saberes construídos e descrever suas ações, já que

[...] quando queremos nos apropriar de nossa vida, nós a narramos. O único meio de termos acesso a nossa vida é percebermos o que vivemos por intermédio da escrita de uma história (ou de uma multiplicidade de histórias): de certo modo, só vivemos nossa vida escrevendo-a na linguagem das histórias. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 36)

É nesse sentido que se torna fundamental articular a *heterobiografia* a uma discussão problematizada da identidade e da trajetória escolar dos sujeitos da EJA, considerando seus desafios na conjuntura da educação brasileira. Sem tal discussão, existe o risco de se passar ao largo do debate sobre os desafios enfrentados por esses sujeitos ao longo da história, sobretudo, quando se referem ao “retrato da situação do analfabetismo e da oferta de escolarização para pessoas de quinze anos ou mais” (ARAÚJO; JARDILINO, 2014, p. 165). Logo, se, de um lado, a *heterobiografia*, como narrativa biográfica, se constitui numa ferramenta significativa para a construção de sentido dos indivíduos, do outro lado, nota-se a carência dos sujeitos da EJA, de vivenciarem propostas pedagógicas que agreguem sentido

e significado às suas experiências educativas no âmbito da sala de aula.

Assim sendo, eis o relato dos alunos nas experiências do minicurso realizado com os alunos da EJA, a fim de demonstrar uma proposta formativa como caminho na construção de sentido acerca da história de vida daqueles sujeitos sociais.

Recortes de pesquisa: socialização das experiências heterobiográficas com os alunos da EJA

O objetivo do minicurso esteve voltado para a criação, no âmbito da sala de aula da EJA, de um espaço semiótico³ que possibilitasse aos educandos a oportunidade de construção de sentido acerca de sua história de vida. Nossa aposta era que a organização desse espaço lúdico, no qual os educandos pudessem ouvir narrativas biográficas e também compor suas próprias narrativas acerca de sua experiência de vida, tivesse a capacidade de ajudá-los na organização reflexiva de sua identidade, de sua trajetória, atribuindo um significado à história de sua vida. Assim, realizamos uma série de vivências literárias, na qual os educandos tiveram a oportunidade de ouvir narrações orais de contos biográficos, e em seguida, elaborarem escritas de si. Ao final do minicurso, foi organizado um trabalho de produção textual coletivo com todos os pequenos textos de narrativas autobiográficas escritas por eles.

Nesse contexto, num primeiro momento, foi proposto que os alunos ouvissem a narração oral⁴ de contos biográficos. O primeiro conto narrado foi “*Vasto mundo*” da escritora Maria Valéria Rezende que trata da história de vida de um jovem adolescente, que vive à margem da sociedade, desprovido das garantias básicas dos direitos da cidadania, e que por meio de uma decepção amorosa encontra, enfim, a superação, e a liberdade de pensamento para se sobressair das condições limitadas no qual estava submerso. Em outro encontro, narrou-se “*A moça tecelã*” de Marina Colasanti, que aborda a história de vida de uma mulher costureira, sonhadora, que pelo seu trabalho de tear vai construindo fantasticamente o momento presente. A cada fio tecido, os seus mais íntimos desejos iam tornando-se realidade. No entanto, a personagem desse conto sofre decepções, pois o percurso escolhido por ela gerou dor e solidão. Ao final, ela encontra o caminho de volta para si, enxergando a sua própria verdade, ressignificando conceitos de felicidade, beleza, lar, entre outros. E, por fim, os alunos ouviram a narração do conto “*O preso*” do escritor cearense Moreira Campos, esta obra põe em relevo a história de vida de Inácio, um personagem que sofre como

3 A ideia de espaço semiótico foi extraída do estudo desenvolvido por Luciane De Conti (2012), ao se referir à criação de espaços lúdicos para a composição da narrativa na infância. Embora seja em um contexto diferente, a perspectiva desta autora acerca desse conceito foi de grande valia para este trabalho.

4 Para essa narração adotou-se a concepção de Machado (2015) e Busatto (2005), ao defender a performance narrativa como um veículo de construção imaginativa para a sua audiência: “O ritmo do contador revela a sua condição reflexiva e a capacidade de conter os significados do conto. Seu corpo pulsa com os sentidos do narrado, pois ritmo é sentido, marcando uma batida harmônica, num galopar preciso, pontuado por sons e silêncio. Logo, cada imagem oferecida repercute no ouvinte, desce às profundezas da sua alma e lá estremece, ressoa, para voltar à superfície, na forma de suspiro, riso, choro, raiva, dor, alívio. Silêncio. Põe o mundo pra sonhar” (BUSATTO, 2005, p. 56).

vítima da injustiça, das desigualdades sociais e da violência que afetam o cotidiano daqueles excluídos e marginalizados pela sociedade.

É importante ressaltar que ao selecionar tais narrativas, considerou-se o conjunto das experiências e dos saberes biográficos dos educandos, como também as diversas redes de pertencimento familiar, profissional, social, cultural no qual esses indivíduos encontravam-se inseridos, a fim de gerar um *horizonte de expectativas* (DELORY-MOMBERGER, 2008) favorável a uma recepção ativa e significativa.

Após a escuta, foi promovido um espaço de socialização das impressões obtidas a partir da escuta do conto, com a finalidade de coletar os sentimentos, as impressões dos educandos, ora, através de distribuição de fichas contendo a pergunta “*O que você sentiu ao ouvir esse conto?*”, ora, por meio da confecção coletiva de um cartaz, a partir de recortes de revistas, contendo imagens e palavras que expressavam tanto sentimentos positivos como também possíveis sentimentos negativos acerca da experiência de escuta, entre outras estratégias lúdicas.

Percebemos que no ato da escuta da narrativa do outro, os olhares dos alunos permaneceram pairados sobre a narradora numa postura de compenetração e devaneio, o silêncio e a atenção empática, durante toda a narrativa, demonstraram um sentimento de êxtase diante da história do outro e, sobretudo, de identificação. O enfoque dessas narrativas permitiu chegar às construções de significados que eles faziam acerca de sua própria história, tomando como referência seus interesses e ambições.

Trazemos a seguir recortes das narrativas de vida dos próprios sujeitos⁵. Nessas narrativas é possível evidenciar aspectos da vida deles que dizem respeito às memórias, lembranças da infância, bem como os valores afetivos e familiares.

Maria da Luz:

Há muito tempo atrás, estando sentada na calçada da minha casa, conheci um belo rapaz pelo qual me casei e passei mais de trinta anos casados. Por fim Deus o levou nesse ano que foi muito sofrido para mim. Tivemos dois filhos, um de criação e outro biológico dos quais tenho muito orgulho.

Maria do Céu:

Nasci em Crateús. Quando eu era criança gostava de brincar de boneca e pular corda e esta perto da minha mamãe com meus irmãos. Sempre nos tínhamos uma boa condição financeira bem. Meu pai comprava boneca di

⁵ De acordo com a ética na pesquisa social, os nomes utilizados são fictícios, a fim de se preservar o anonimato dos(as) participantes. Ademais, manteve-se, em cada recorte das narrativas, a fidelidade para com a grafia dos sujeitos.

porcelana para nós brincarmos. Quando nos chegava da escola sempre estivemos muito amor da mamãe e pai i eles sempre deram muita educação para nos e emsenaram a respeitar os outros. Nós somos católicos vou a missa gosto muito de trabalhar na clinica da minha sobrinha.

Maria Divina:

Sinto saudades da minha família reunida.

Nos trechos a seguir, observamos um aspecto relevante sobre a história de vida desses sujeitos, quando eles refletem sobre a sua relação com o trabalho. Quase todos os educandos pesquisados relataram em suas biografias que tiveram que deixar sua cidade natal, ainda criança, em busca de melhor condição de vida na capital. Esse dado aponta para possíveis indícios que justificam a interrupção dos estudos. Esses trechos abarcam a delicada situação dos sujeitos da EJA, que oriundos de um contexto social adverso, não veem os estudos como uma opção.

Maria Santa:

Aos 10 anos vim morar em Fortatolez]Fortaleza] para trabalhar

João de Deus:

[Sobre a escolha de falar sobre o tema do trabalho]. Eu escolhi porque na minha infância eu não tive oportunidade de estudar. Eu comecei a trabalhar com 5 anos. Eu não tive tempo de estudar, mas mesmo assim eu procuro as melhores oportunidades para ler e escrever.

Maria do Espírito Santo:

Tenho 47 anos, nasci em Acaraú. Quando eu era criança brincava de boneca e lagarta pintada. Aos 15 anos vim morar em Fortaleza para trabalhar em casa de família. Comecei a trabalhar cedo.

Como podemos observar, a seguir, um dos sujeitos reflete sobre seu processo formativo, evidenciando seus anseios e expectativas de futuro.

Maria da Paz:

Eu estudo no EJA3 e eu estou muito satisfeita. Só vou deixar a escola quando eu me formar. Sim! eu pretendo se Deus quiser e ele

vai querer. Eu gosto tanto da escola que não gosto de faltar por nada.

De acordo com Delory-Momberger (2008), as narrativas do outro fazem com que representemos para nós mesmos a nossa própria vida, ou seja, nos oferecem elementos que unidos contribuem para a reflexão de si, para que recebamos e compreendamos as nossas experiências de vida a partir da narrativa do outro. Outro aspecto importante percebido a partir da coleta das biografias dos sujeitos pesquisados foram as palavras, imagens e depoimentos permeados de satisfação ao participarem dessa experiência de escuta do outro e escrita de si, sobretudo, no que tange ao trabalho estético e sensível com as narrativas biográficas.

Em um dado momento, uma das pesquisadas se identifica com a personagem do conto “A Moça Tecelã” ao mencionar “Eu gosto de trabalha com costureira” (Maria da Glória).

Logo, em linhas gerais, a análise dessa experiência com a escuta de narrativas biográficas, levou-nos a concluir que a partir da figura do outro, a saber, das histórias dos personagens, os alunos iam se identificando, fazendo conexões com sua própria história, ressaltando os percalços vividos, e também sofridos, durante sua trajetória de vida, pois os dados evidenciaram múltiplas relações que eles faziam entre seus saberes e as experiências vivenciadas pelos personagens das narrativas.

Considerações finais

A discussão aqui não se encerra. Pode-se dizer que aqui se lança um primeiro passo para se discutir a heterobiografia na perspectiva dos alunos da EJA no contexto educacional brasileiro. Vislumbra-se que tais sujeitos, historicamente silenciados, sejam ouvidos a partir de experiências como a que foi proposta neste estudo, porque essas permitem que eles ressignifiquem suas experiências de vida, ao construírem significados a sua existência histórica.

Em síntese, considera-se que a prática da *heterobiografia*, conforme proposta por Delory-Momberger (2008), configura-se como uma ferramenta primordial de formação no contexto da EJA, pois é essa articulação entre memória de vida que pode ser entendida como uma proposta significativa para esses sujeitos, porque eles trazem consigo ricas experiências que viveram, como também os saberes e a aprendizagem que adquiriram ao longo da vida.

Acreditamos que esse entrelaçamento entre narrativas do outro e escritas de si possibilitou a reelaboração da experiência pela reflexão dos sujeitos, e, por conseguinte, o protagonismo dos mesmos, promovendo a apropriação

de sua história, atrelando-a à dimensão do afeto e da sensibilidade. Portanto, é possível inferir que a construção de um espaço semiótico do narrar possibilitou aos educandos da EJA a oportunidade de construção de sentido acerca de sua história de vida, porque como vimos nos recortes de narrativas biográficas dos sujeitos, narrar sobre si é uma das formas de elaborar e compreender os próprios anseios e expectativas, assim como as dificuldades enfrentadas ao longo da vida e conseguir lidar com as dores e as lembranças nem sempre felizes, e também vislumbrar caminhos de possibilidades.

Analisar o processo de construção e elaboração de significados de vida, como os alunos da EJA, a partir do referido minicurso, implica a importância de se incentivar sempre aqueles sujeitos escolares a vivenciarem experiências significativas de promoção de sentido, no âmbito da sala de aula, para que se percebem como sujeitos da sua própria história.

Referências

ALHEIT, Peter; Dausien, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo: USP, v.32, n.1, jan./abr. 2006, p. p. 177-197. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000100011. Acesso em 15 de dezembro de 2018.

ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de; JARDILINO, José Rubens Lima. **Educação de jovens e adultos: sujeitos, saberes e práticas**. São Paulo: Cortez, 2014.

BRUNER, Jerome. **A cultura da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CONTI, Luciane De. A construção de espaços lúdicos e a composição narrativa na infância. In: EGGERT, Edla; FISCHER, Beatriz D. (Orgs). **Gênero, geração, infância, juventude e família**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012, p. 147-169.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFRN, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. Apud. FERREIRA, Marieta de Moraes. Et al; **História**

Oral: desafios para o século XXI – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta.** São Paulo: Reviravolta. 2015.

RACIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado.** Orfeu negro: Lisboa, 2010.

Recebido em: 19-02-2019

Aprovado em: 26-03-2020

Publicado em: 22-05-2020